

Deslocamento de indefinidos no português brasileiro: tópico ou foco na estrutura informacional?

(Left-dislocation of indefinites in Brazilian Portuguese: topic or focus in the information structure?)

Fernanda Rosa da Silva¹

¹Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - Universidade de São Paulo (USP)

fernandarosa@usp.br

Abstract: This work investigates the semantic and pragmatic inferences in Brazilian Portuguese (BP) contexts in which indefinites nominal phrases are dislocated to left periphery of sentence. More precisely, this approach attempts to answer three questions: (i) what are the functions of the information structure (topic or focus) that indefinite phrases conform to when left-dislocation takes place? (ii) In BP, is it possible for indefinite nominal phrases to be topics? (iii) Why does the speaker prefer to say a sentence with a left-dislocated indefinite element? Which implicatures are at stake?

Keywords: left-dislocation; focus; topic; indefinites nominal phrases; conversational implicatures.

Resumo: Este trabalho procura investigar as inferências semânticas e pragmáticas de contextos do português brasileiro (PB) em que sintagmas nominais indefinidos sejam deslocados para a periferia esquerda da sentença. Mais precisamente, esta pesquisa procura responder a três questões: (i) quais as funções da estrutura informacional: tópico ou foco, que sintagmas indefinidos assumem ao serem deslocados para o início da sentença?; (ii) é possível em PB que sintagmas indefinidos tenham função de tópico? (iii) o que leva o falante a optar por pronunciar uma sentença com o elemento indefinido deslocado para o início da sentença? Quais implicaturas estão em jogo?

Palavras-chave: deslocamento; foco; tópico; indefinidos; implicatura conversacional.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo investigar as inferências semânticas e pragmáticas de contextos do português brasileiro (PB) em que sintagmas nominais indefinidos sejam deslocados para a periferia esquerda da sentença. Consideramos que deslocamento trata-se de um fenômeno sintático em que o sintagma na posição de objeto¹ seja deslocado para a periferia esquerda da sentença, deixando um vestígio ou sendo preenchido por um pronome. Observe o seguinte contexto:

- (1) A: O João leu um artigo do Chomsky?
B: Um artigo, ele leu.
B': Sim, ele leu.

¹ Neste trabalho, optamos por analisar sentenças em que haja deslocamento de sintagmas indefinidos apenas na posição de objeto. Sentenças com deslocamento em outras posições sintáticas serão analisadas em trabalhos posteriores.

No diálogo acima, o falante B tem a opção de responder a questão em A, respeitando a ordem linear da sentença (B'), sem necessidade de deslocar o sintagma indefinido para o início da sentença. No entanto, se opta por deslocar o DP (Determiner Phrase), como em (B), realizando assim uma operação mais complexa, é porque ele deseja inferir informações além das que são diretamente trazidas ao contexto. Tais informações são denominadas por Grice (1975) de implicaturas conversacionais. A resposta de B, acompanhada de um contorno entonacional específico, indica que o falante dá a informação de que determinado artigo de Chomsky, o João leu, no entanto deixa em aberto outros possíveis artigos do Chomsky. Tal resposta indica que B está fazendo uso de uma resposta parcial de uma pergunta mais ampla do que a dada no contexto (ROBERTS, 1996; BÜRING, 1999; 2003). Segundo Büring (1999; 2003), o sintagma “um artigo” trata-se de um sintagma com função de tópico parcial ou contrastivo,² visto que é dado um conjunto de elementos na pergunta em A: o conjunto de artigos do Chomsky, e desse conjunto o falante opta por dar informações sobre um artigo em especial.

Nossa proposta, tomando como ponto de partida os trabalhos de Büring (1999; 2003) e Roberts (1996), é que respostas em que o sintagma indefinido é deslocado em conjunto com uma entonação típica apresentam uma estratégia de resposta por parte do falante que gera uma implicatura conversacional. Ainda, esse sintagma pode assumir a função tanto de foco, informação nova no contexto, quanto de tópico, uma informação já existente no contexto. Compare o contexto a seguir com o anteriormente apresentado em (2):

(2) A: O que o João leu?

B: Um artigo, eu sei que ele leu.

Em (2), o sintagma indefinido tem a função de foco. Já em (1), o artigo indefinido recebe a função de tópico. Esta última função, apesar de parecer incoerente com as características semânticas de um sintagma indefinido, visto que, segundo Heim (1982), um sintagma desse tipo se refere a uma entidade nova no contexto, é possível em contextos em que o sintagma indefinido é deslocado para uma posição mais alta na sentença.

Para verificar a consistência de nossa proposta, analisaremos os sintagmas indefinidos “um” e “algum” e sintagmas nominais nus nas diversas possibilidades de deslocamento. Organizamos o artigo, então, da seguinte forma: na primeira seção apresentaremos as propostas semânticas para foco e tópico. Na seção seguinte, analisaremos o fenômeno de deslocamento de indefinidos em PB a partir das teorias de estratégias de resposta de Roberts (1996) e Büring (1999; 2003). Em seguida, analisaremos as implicaturas presentes nesses contextos. Por fim, apresentaremos as conclusões e considerações em relação a este estudo.

Semânticas de foco (ROOTH, 1995) e tópico (BÜRING, 1999)

Neste trabalho assumimos que toda sentença é formada pelo que é conhecido e o que é informação nova, conforme Chomsky (1971), que defende que para cada sentença

² Em Büring (2003), o autor uniformiza os casos de tópicos parciais e contrastivos e define todos esses elementos que apresentam uma curvatura entonacional idêntica como tópico contrastivo.

existe um par (F,P), F de foco e P, pressuposição. Pressuposição contém os elementos de tópico que representam informações já conhecidas no contexto. Foco, por sua vez, representa os elementos ou informações novas.

Rooth (1995) propõe uma semântica para o elemento da estrutura informacional denominado foco, a qual ele chama de *valor de foco*. Segundo o autor, as sentenças apresentam seu valor ordinário e valor de foco. Observe o contexto abaixo:

- (3) A: O que o João leu?
 B: O João leu UM ARTIGO_F.³

Em (3)B, o constituinte que traz a informação nova e representa o foco da sentença é o NP (Nominal Phrase) "Um livro". O tópico, que contém a informação dada pela questão, é a pressuposição de que "O João leu algo". O valor de foco da sentença (3)B, segundo Rooth (1995), é o conjunto de proposições possíveis para a resposta de (3)A. Veja a representação do valor ordinário e de foco de (3)B abaixo, considerando que os elementos disponíveis no discurso sejam: um artigo, um livro e uma revista.

- (4) [[(3)B]]₀ = \$x: artigo(x) & leu (j,x)
 (5) [[(3)B]]_f = {O João leu um artigo, O João leu um livro, O João leu uma revista}

A forma lógica em (4) apresenta o valor ordinário da sentença (3)B enquanto (5) apresenta o valor semântico de foco dessa mesma sentença. O conjunto de proposições acima contém a proposição (4)B. Representa, portanto, uma resposta adequada, ou congruente,⁴ para o contexto dado acima. Entretanto, Büring (1999) observa que o valor de foco não é capaz de delimitar alternativas de respostas para contextos com tópicos parciais ou contrastivos, por exemplo. Um tópico parcial não responde exhaustivamente ao que foi requerido, mas apenas a uma parte da questão. Já o tópico contrastivo ocorre quando o falante deseja mover a conversação para uma entidade diferente da dada no discurso. Observe, abaixo, exemplos de tópico parcial e contrastivo, respectivamente:

- (6) A: Que artigo os alunos leram?
 B: /O JOÃO_T leu O ARTIGO-DO CHOMSKY_F
 (7) A: Que artigo o João leu?
 B: Bom, /O PEDRO_T leu \O ARTIGO-DO CHOMSKY_F

Os exemplos acima representam o que Büring (1999) denomina respectivamente de tópico parcial e tópico contrastivo. No primeiro, em (6), o falante B não responde totalmente à pergunta feita por A, mas apenas à informação que corresponde a um indivíduo do conjunto de alunos, "João". Já em (7), o falante B não responde ao que é solicitado e dá uma informação referente a um elemento novo no contexto, "Pedro". Em ambos os casos, a resposta obtida não representa a esperada.

3 As notações adotadas são as mesmas utilizadas por Büring (1999), em que o símbolo “/” representa um pico de acento com curva ascendente, que identifica tópico e o símbolo “\” representa o pico de acento com curva descendente, que identifica foco. “T” subscrito indica o constituinte com função discursiva de tópico e F subscrito, o constituinte com função discursiva de foco.

4 Congruente – termo utilizado por Rooth (1995), Roberts (1996) e Büring (1999; 2003) para declarar que determinada sentença é adequada para responder à pergunta dada.

O autor também identificou que, para a resposta ser apropriada nos contextos acima, foram necessários dois acentos prosódicos distintos: o acento de foco, que tem como característica um pico de acento descendente, e também um acento típico de tópico parcial ou contrastivo, que tem seu pico com curva ascendente. Esses são representados pelas notações subscritas T, para tópico e F, para foco. Sem esses, as construções seriam inadequadas. As respostas obtidas não fazem parte do valor de foco. Observe, abaixo, o valor de foco para (6)B e (7)B, respectivamente, considerando que no domínio haja os seguintes indivíduos: {João, Pedro, artigo do Chomsky e artigo da Kratzer}.

- (8) $[[[(14)B]]]^f = \{O \text{ João e o Pedro leram o artigo do Chomsky, O João e o Pedro leram o artigo da Kratzer, O João leu o artigo do Chomsky e o Pedro leu o artigo da Kratzer, João leu o artigo do Chomsky e Pedro leu o artigo do Chomsky}\}$
- (9) $[[[(15)B]]]^f = \{João \text{ leu o artigo do Chomsky; João leu o artigo da Kratzer}\}$

Note que, em (8), não há uma proposição do tipo “O João leu o artigo do Chomsky”, resposta dada em (6)B. As proposições possíveis são apenas de respostas completas, sem apresentar uma proposição de resposta parcial, como ocorre no exemplo acima. O valor de foco de (15)B, apresentado em (17), também não possui a proposição obtida como resposta “O Pedro leu o artigo do Chomsky”, mas somente respostas relacionadas ao indivíduo “João”.

Para ser possível calcular o valor semântico de sentenças como as apresentadas acima, Büring (1999; 2003) definiu o *valor de tópico*, que representa um conjunto de questões, ou um conjunto do conjunto de proposições possíveis para determinado contexto. Para cada elemento disponível, há um conjunto de proposições. A soma desses conjuntos consiste no valor de tópico da sentença. Para (6)B, por exemplo, suponhamos que o conjunto de alunos seja formado pelos indivíduos: João e Pedro. Para cada indivíduo há um conjunto de proposições. Para João: {O João leu o artigo do Chomsky, O João leu o artigo da Kratzer}. Para Pedro: {O Pedro leu o artigo do Chomsky, O Pedro leu o artigo da Kratzer}. O valor de tópico de (6)B, portanto, é a junção desses conjuntos, como segue:

- (10) $[[[(6)B]]]^t = \{\{O \text{ João leu o artigo do Chomsky, O João leu o artigo da Kratzer}\}, \{O \text{ João leu o artigo do Chomsky, O João leu o artigo da Kratzer}\}\}$

Como cada conjunto representa o valor ordinário de uma questão,⁵ a denotação do valor de tópico de (6)B pode ser representada por um conjunto de questões.

5 Para Hamblin (1973), uma questão denota um conjunto de proposições (*Q-alternative set*). Observe a seguinte questão:

- (i) O que o João comprou?

A pergunta acima tem seu significado semântico formado por um conjunto de proposições possíveis para respondê-la. Suponhamos que, no contexto, há três alternativas possíveis de objetos que João possa comprar: livros, roupas e calçados. *Q-alternative set* da questão será o conjunto de proposições: {o João comprou livros, o João comprou roupas, o João comprou calçados}. A denotação formal de (i), então, é a seguinte:

- (ii) $[[[O \text{ que o João comprou?}]] = \{o \text{ João comprou livros, o João comprou roupas, o João comprou calçados}\}$

Os participantes do discurso, ao ouvirem a questão e aceitá-la, buscam, dentro das alternativas acima, uma resposta adequada para ela.

- (11) [[(6)B]]^f = {Que artigo o João leu?, Que artigo o Pedro leu?}

Outro tipo de tópico, a que Büring (1999; 2003) chama de tópico puramente implicacional, é apresentado a seguir.

- (12) A: A sua esposa foi pra festa?
B: A /MINHA_r esposa \NÃO_r foi pra festa.

A sentença (12), a não ser pelo acento de tópico, responde exatamente ao requerido pela questão em A, pois o valor de foco de (12)B é representado por duas alternativas, já que (20) A apresenta uma pergunta sim/não. O valor de foco é o seguinte:

- (13) [[(12)B]]^f = {A minha esposa foi pra festa; A minha esposa não foi pra festa} ⁶

Como pudemos observar, a resposta dada em (12)B pertence ao seu valor de foco. No entanto, o acento ascendente no constituinte de tópico em B indica que o falante deseja trazer ao contexto questões alternativas. Responde ao que A pergunta, mas deixa no ar questões como: A esposa de Pedro foi pra festa?; A esposa de Marcos foi pra festa?; A esposa de x foi pra festa?... Essas questões podem determinar a continuidade da conversação. Mais formalmente teríamos o valor de tópico a seguir.

- (14) [[(12)B]]^f = {A minha esposa foi pra festa?; A esposa do Pedro foi pra festa?; A esposa do Marcos foi pra festa?}

O contexto apresentado por Büring (1999; 2003) e adaptado no presente artigo para o PB possui similaridades com os contextos do fenômeno investigado, de deslocamento de indefinidos. Voltemos ao diálogo apresentado em (1) e repetido aqui por conveniência.

- (15) A: O João leu um artigo do Chomsky?
B: Um artigo, ele leu.

O falante em B respondeu ao que foi questionado e a proposição em B está contida em suas alternativas de foco. Observe o valor de foco de (15)B:

- (16) [[(15)B]]^f = {O João leu um artigo do Chomsky, O João não leu um artigo do Chomsky}

A alternativa “O João leu um artigo do Chomsky” equivale semanticamente à resposta dada em (15)B. Portanto, se considerarmos que a resposta linear tem as mesmas condições de verdade de uma resposta com o sintagma indefinido deslocado, apenas o valor de foco é suficiente para explicar tal fenômeno. Parece, porém, que uma resposta linear não é adequada para um contexto em que o falante quer deixar em aberto informações além das requeridas.

- (17) A: O João leu um artigo do Chomsky?
B: #O João leu um artigo.

⁶ Como o contexto (22) apresenta um exemplo de pergunta polar, em que há duas possibilidades de resposta: sim ou não, o valor de foco é constituído por uma proposição positiva e outra negativa. Ainda, nestes casos, no PB, o acento prosódico que indica o elemento de foco recai sobre o elemento negativo, se a resposta for negativa, ou no verbo da sentença, se a resposta for positiva.

A resposta linear não é apropriada para responder completamente à pergunta dada. O mais natural seria o falante responder: “sim, ele leu”. Isso indica que, mesmo que as sentenças (15)B e (17)B apresentem condições de verdade idênticas, elas são distintas em suas condições de felicidade.⁷ Podemos concluir então que, como os contextos que apresentam tópicos implicacionais, a resposta com o sintagma indefinido deslocado implica que o falante esteja deixando em aberto outras questões. Portanto o valor de tópico para (15)B é o seguinte:

- (18) $[[[15)B]]^T = \{O \text{ João leu um artigo do Chomsky? } O \text{ João leu alguns artigos do Chomsky?}; O \text{ João leu todos os artigos do Chomsky?}\}$

Ao responder “um artigo, o João leu”, o falante responde afirmativamente à primeira questão do valor de tópico apresentado acima, porém deixa em aberto as demais questões. Tal resposta indica que ele esteja fazendo uso de uma estratégia e respondendo a uma questão mais ampla do que a dada no contexto. Tal estratégia será discutida mais adiante nas seções seguintes.

Deslocamento de indefinidos e estratégias de resposta

Nesta seção, a partir das propostas de Roberts (1996) e Büring (1999; 2003) para estratégias de resposta, analisaremos contextos do PB em que sintagmas indefinidos e nomes nus na posição de objeto são deslocados para a periferia esquerda da sentença e identificaremos quais restrições semânticas e pragmáticas esses contextos apresentam.

Estratégias de resposta

Roberts (1996)

A autora defende que todo discurso é voltado para responder questões, sejam elas implícitas ou explícitas, e que as respostas a essas questões podem ser completas ou parciais. Um exemplo de resposta completa é apresentado no diálogo a seguir:

- (19) A: Os alunos da Letras foram pra festa?
B: Sim, foram.

Ao responder B: o falante responde exatamente ao que foi questionado por A, respondendo, assim, completamente à questão dada no contexto. Uma resposta parcial pode ser observada a seguir em:

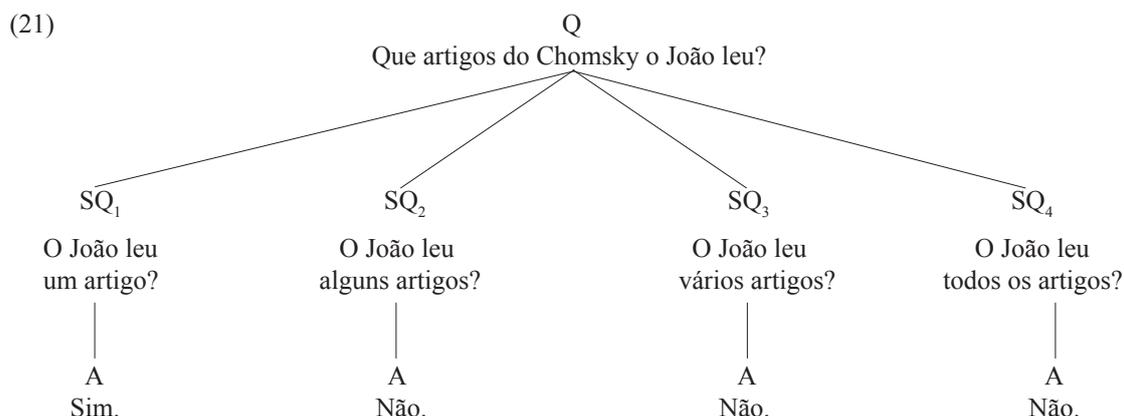
- (20) A: Os alunos da Letras foram pra festa?
B: Os do primeiro ano foram ~~pra festa~~.

No diálogo acima, o falante opta por responder com informações referentes a um subconjunto do conjunto de alunos de letras, deixando em aberto os demais. A autora defende que, ao responder parcialmente uma questão, o falante faz uso de uma estratégia de resposta (ROBERTS, 1996). Esse fenômeno foi também explorado e formalizado por Büring (1999; 2003), proposta que apresentaremos a seguir.

⁷ Condições de felicidade – condições que indicam se determinada sentença é utilizada adequadamente ou não em certo contexto.

Büring (1999; 2003)

O autor defende que, ao responder parcialmente ou contrastivamente uma pergunta, o falante faz uso de uma estratégia do discurso e marca prosodicamente o elemento dado. Tal estratégia do discurso pode ser estruturada formalmente pelo que Büring (2003) denomina *d-trees* ou árvore do discurso. Um exemplo de *d-tree* para o diálogo apresentado em (1) é dado a seguir, em (21):



A resposta em B indica que o falante está fazendo uso de uma resposta parcial de uma pergunta mais ampla do que a dada no contexto (ROBERTS, 1996; BÜRING, 1999; 2003). Mais adiante, veremos com mais detalhes esse tipo de estratégia.

Estratégias de resposta a partir do deslocamento de indefinidos no PB

O objetivo desta seção é investigar se os tipos de indefinidos “um”, “algum”, sintagma nominal nu possuem restrições semânticas e pragmáticas similares em contextos de deslocamento ou diferem em suas condições de uso.

- (22) A: O João leu os artigos do Chomsky?
B: Um artigo, ele leu.
B': Artigo do Chomsky, ele leu.
B'': ?Algum artigo do Chomsky, ele leu.

As respostas acima parecem ser adequadas em um contexto em que o falante responde parcialmente ao perguntado. No caso de B'', apesar de ser menos aceitável, podemos pensar em pelo menos um contexto que essa resposta seja possível. Imaginemos que o João seja aluno de letras e estudou linguística por alguns anos. Se A faz a pergunta dada, B responde “algum artigo do Chomsky, ele leu”, fica implícito que, se João é aluno de letras, não é possível que ele nunca tenha lido pelo menos um artigo do Chomsky. A resposta em 22(B) possui os valores de foco e tópico respectivamente:

- (23) $[[22]B]{}^f = \{\text{O João leu um artigo do Chomsky, O João não leu um artigo do Chomsky}\}$
(24) $[[22]B]{}^t = \{\text{O João leu um artigo do Chomsky? O João leu alguns artigos do Chomsky?; O João leu vários artigos do Chomsky?; O João leu todos os artigos do Chomsky?}\}$

O valor de tópico de (22)B pode ser representado por uma única pergunta que acarreta as alternativas dadas em (25):

(25) $[[(22)B]]^T = \{ \text{Que artigos do Chomsky o João leu?} \}$

Ao responder (22)B ou B', o falante faz uso da estratégia de responder parcialmente a questão dada explicitamente no contexto, deixando em aberto resposta sobre demais questões. Com base na proposta de Büring (2003), a *d-tree* de (22)B pode ser representada da mesma forma que a dada em (21).

Respondendo a SQ_1 , falante deixa em aberto respostas sobre as demais questões, ou porque não tem informações sobre elas ou porque as respostas são negativas para as demais. As respostas de B poderiam ser completadas da seguinte maneira:

(26) a) (22)B: Um artigo, ele leu, mas os outros eu não sei.

b) (22)B: Um artigo, ele leu, mas não todos.

A estratégia de resposta de B produz uma implicatura por parte do falante, ou de ignorância, quando ele não tem informações sobre as demais questões, ou de contraste, em que ele responde positivamente a SQ_1 e implica a negação das demais.

Até agora, observamos diálogos em que a pergunta é feita, ou com o sintagma indefinido “um artigo do Chomsky” (1)A ou com a descrição definida “os artigos do Chomsky” (33)A. Em ambas as respostas, tanto com o indefinido “um” ou “algum”, quanto com o sintagma nominal nu, são adequadas. Se a pergunta for feita com o indefinido “algum”, as respostas da mesma forma são possíveis e ainda o diálogo parece ser mais natural.

(27) A: O João leu algum artigo do Chomsky?

B: Um artigo, ele leu.

B': Artigo do Chomsky, ele leu.

B'': ?Algum artigo do Chomsky, ele leu.

Os diálogos observados até aqui apresentam apenas questões de resposta parcial em que o falante responde parcialmente a uma questão implícita. Porém é possível haver deslocamento de indefinidos em outros tipos de relação semântico/pragmática, como de sobreinformação.

(28) A: O João publicou um artigo sobre indefinidos?

B: Um livro, ele publicou.

B': ?Livro, ele publicou.

B'': #Algum livro, ele publicou.

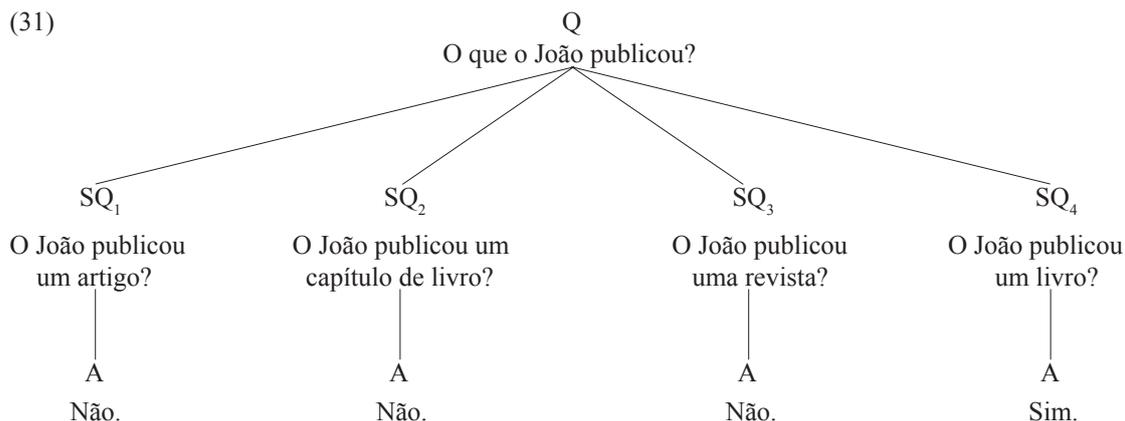
No contexto acima, ao responder que o João publicou um livro e não um artigo, o falante faz uso da estratégia de responder completamente a uma pergunta mais ampla do que a dada no diálogo. Essa estratégia é proposta por Rosa-Silva (2012). A resposta é adequada com o sintagma indefinido “um”, porém, com nominal nu ou “algum”, é inadequada. A explicação pode estar relacionada ao conjunto que a pergunta seleciona ao apresentar o indefinido “um artigo”. No entanto, não pudemos aprofundar nessas questões e as deixamos em aberto para pesquisas futuras. O valor de foco para (28)B é o seguinte:

(29) $[[(28)B]]^f = \{ \text{O João publicou um artigo, O João não publicou um artigo} \}$

Apenas com valor de foco não é possível indicar a possibilidade de deslocamento de indefinidos, visto que o falante opta por deslocar o sintagma para indicar que está fazendo uso de uma estratégia. Vamos então analisar o valor de tópico dessa sentença.

(30) $[[[(28)B]]^T = \{O \text{ que o João publicou?}\}$

O falante, em (28), responde completamente a uma questão apresentada em seu valor de tópico: “O que o João publicou?”. A *d-tree* para esse contexto, então, é representada como segue:



Como podemos observar na *d-tree* acima, ao responder que João publicou um livro, o falante responde negativamente a questões como as ilustradas em SQ₁, SQ₂ ou SQ₃. Fica implícito que não foi um artigo que ele publicou, mas sim um livro. A entonação de contextos com respostas sobreinformativas difere da curva prosódica de respostas parciais.⁸ Esta apresenta um *pitch accent* de curva descendente enquanto que as demais apresentam *pitch accent* de curva ascendente. Tal acento, segundo Rosa-Silva (2012), indica que o sintagma “um livro” representa um tipo de foco denominado de *sobreinformativo*.⁹

O contexto também é possível com o indefinido “algum” na questão; aliás, o diálogo fica mais natural.

(32) A: O João publicou algum artigo sobre indefinidos?
B: Um livro, ele publicou.

Indefinido também pode selecionar um subtipo de um conjunto dado pela pergunta, porém a resposta com essa interpretação é possível somente com o uso do nominal nu, conforme observamos abaixo:

(33) A: O João visitou os mamíferos / um mamífero / algum mamífero no Zoo?
B: #Um felino, ele visitou.
B': Felino, ele visitou.
B'': ?Algum felino, ele visitou.

Os valores de foco e tópico para a resposta acima são apresentados a seguir respectivamente:

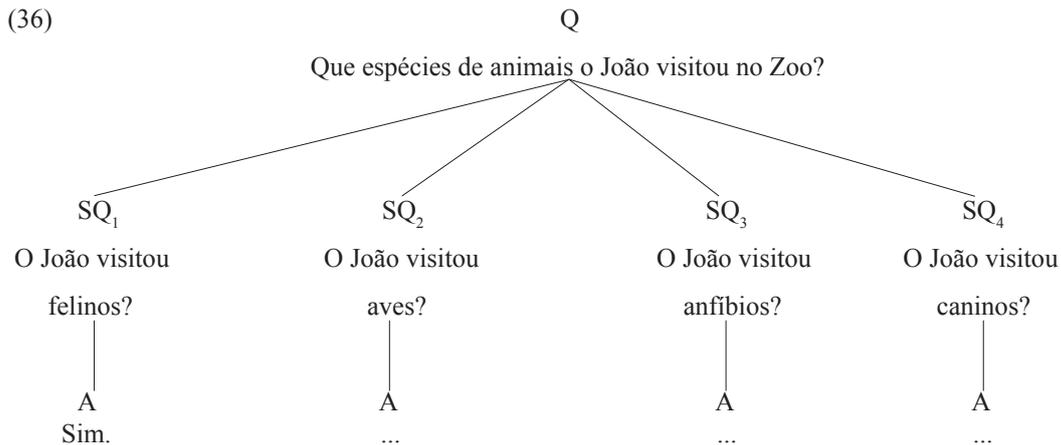
8 Para mais detalhes em relação a respostas sobreinformativas ou foco sobreinformativo, ver Rosa-Silva (2012).

9 Para mais detalhes em relação a respostas sobreinformativas ou foco sobreinformativo, ver Rosa-Silva (2012).

(34) $[[[(33)B]]]^f = \{\text{O João visitou os mamíferos, O João não visitou os mamíferos}\}$

(35) $[[[(33)B]]]^t = \{\text{Que espécies de animais o João visitou no Zoo?}\}$

Como podemos observar, o valor de foco não é suficiente para selecionar a resposta dada em (33)B'. No entanto, o valor de tópico inclui a resposta "Felino, ele visitou". Tal resposta ainda indica que o falante está respondendo parcialmente à questão de seu valor de tópico. Observe a *d-tree* para esse contexto:



Essa estratégia indica que o falante opta por responder parcialmente a uma questão mais ampla do que a dada no contexto e deixa em aberto demais subquestões como "O João visitou aves?, O João visitou anfíbios?..."

Por último, apresentamos um contexto em que há um contraste de elementos que compartilham de determinado campo semântico.

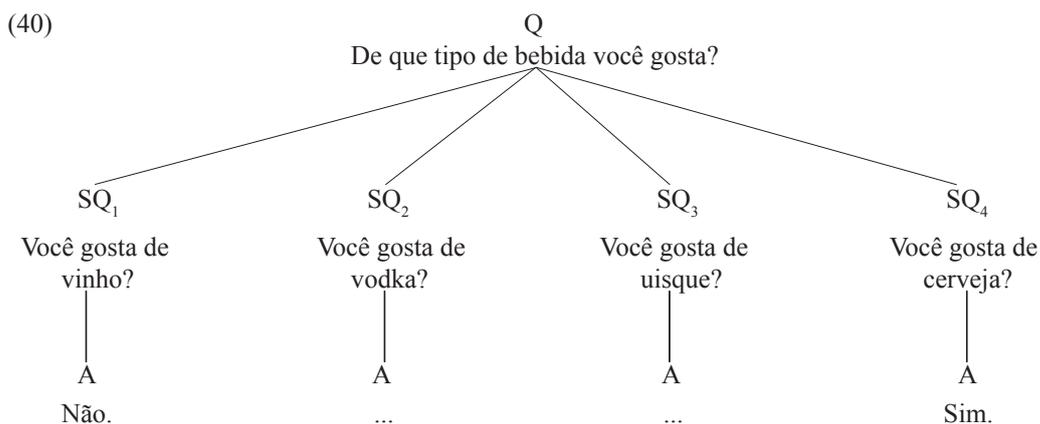
- (37) A: Você gosta de vinho?
 B: De uma cerveja, eu gosto, mas de vinho...
 B': De cerveja, eu gosto, mas de vinho...
 B'': ?De alguma cerveja eu gosto, mas de vinho...

Ao responder "de uma cerveja eu gosto", ou "de cerveja eu gosto", o falante responde a uma questão mais ampla do tipo "De que tipo de bebida você gosta?". Essa questão está presente no valor de tópico de (37)B, mas não em seu valor de foco:

(38) $[[[(37)B]]]^f = \{\text{Eu gosto de vinho, eu não gosto de vinho}\}$

(39) $[[[(37)B]]]^t = \{\text{De que tipo bebida você gosta?}\}$

A *d-tree* para esse contexto é representada como segue:



A resposta dada em (37)B implica que o falante não gosta de vinho, mas deixa em aberto respostas sobre demais tipos de bebida, conforme mostra a *d-tree* acima. Ao responder dessa maneira, o falante faz uso de uma estratégia de resposta de negar o elemento ou conjunto de elementos, no caso tipos de vinho, ao afirmar outro conjunto de elementos do mesmo campo semântico: tipos de cerveja. Essa resposta é possível porque ambos fazem parte do valor de tópico de (37)B.

Até o presente momento apresentamos contextos com indefinidos, em sua maioria, em função de tópico. A exceção se dá no contexto (28), que apresenta um indefinido com função de foco sobreinformativo. Optamos por explorar mais contextos em que esse tipo de sintagma ocorre na função de tópico, visto que exemplos de sintagma indefinido com função de foco não são surpreendentes, já que a característica funcional do foco é introduzir um referente ou informação nova no contexto. No entanto, a seguir apresentaremos um sintagma indefinido deslocado com função de foco para mostrar que sintagmas desse tipo podem assumir tanto a função de tópico quanto de foco.

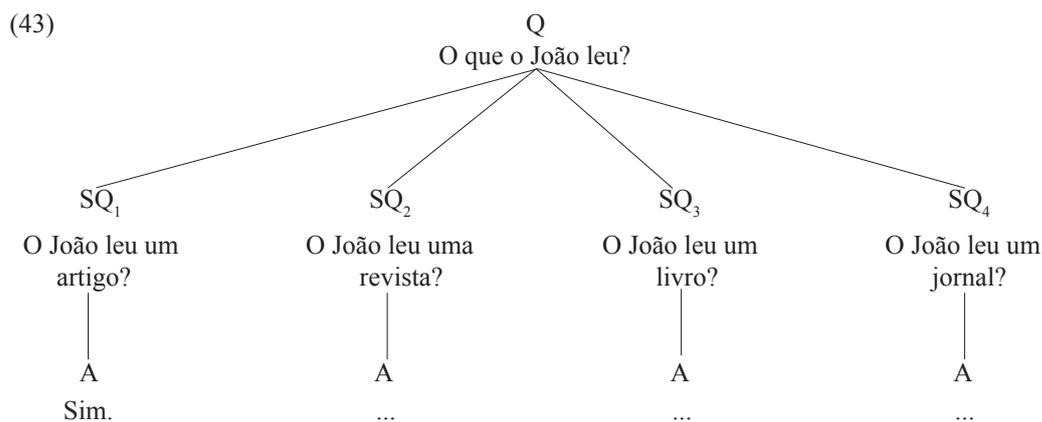
- (41) A: O que o João leu?
B: Um artigo, eu sei que ele leu.

O sintagma indefinido “um artigo” assume a função de foco da sentença (41)B, pois se refere a uma informação nova, não presente na pergunta em (41)A. O valor de foco para essa resposta é o seguinte:

- (42) $[[[41)B]]^f = \{\text{O João leu um artigo, O João leu uma revista, o João leu um livro, o João leu um jornal}\}^{10}$

O valor de foco apresenta a alternativa “O João leu um artigo” que possui condições de verdade idênticas à resposta em (41)B. No entanto, o fato de o falante optar por realizar uma estrutura mais complexa, de deslocamento, em vez de utilizar a ordem linear da sentença, indica que ele esteja fazendo uso de uma estratégia do discurso, neste caso de responder parcialmente à pergunta dada, deixando em aberto demais questões. Observe a *d-tree* para o contexto acima:

10 Consideremos que os elementos constantes no domínio sejam: {um artigo, um livro, uma revista, um jornal}.



Nesta seção, pudemos observar que sintagmas indefinidos em PB são deslocados para a periferia esquerda da sentença em contextos em que o falante faz uso de uma estratégia do discurso. Esse sintagma pode ser representado por “um”, “algum” ou nome nu.

Deslocamento de indefinidos e implicaturas

Nesta seção analisaremos as implicaturas presentes em contexto de deslocamento de indefinidos. Nosso ponto de partida é a teoria de Grice (1975), que prediz que todo falante cooperativo obedece ao Princípio de Cooperação, bem como suas máximas conversacionais. Nos casos em que haja aparente violação de alguma máxima, ocorre uma implicatura conversacional.

Contextos de deslocamento parecem violar a máxima de modo, visto que seria mais natural responder a pergunta respeitando a ordem linear da sentença. No entanto, o falante opta por essa estratégia para destacar um elemento do conjunto. Esse destaque implica que o falante não tem informações sobre os demais elementos do conjunto ou sua informação é contrastante com a dada, gerando, então, ou uma implicatura de ignorância (cf. BÜRING, 1999; 2003), negação ou sobreinformação (ROSA-SILVA, 2012).

Um exemplo que pode apresentar implicatura de ignorância é nosso primeiro contexto, que retomamos abaixo:

- (44) A: O João leu os artigos do Chomsky?
B: Um artigo, ele leu. (só não sei qual é / sobre outros eu não sei)

Em (44)B, como indicado, a sentença poderia ser completada por “só não sei qual é”. Isso indica que o falante B sabe que João leu um artigo do Chomsky, porém não tem informações de qual artigo se trata. Outro tipo da implicatura que ocorre em contextos de deslocamento de indefinidos é de negação da informação dada. Essa implicatura é identificada no contexto apresentado anteriormente sobre vinho que repetimos a seguir:

45. A: Você gosta de vinho?
B: De uma cerveja, eu gosto, mas de vinho...

No contexto acima, há uma implicatura de negação, já que, ao afirmar que gosta de uma cerveja em resposta à (45)A, que pergunta sobre vinho, o falante B deixa implícito que não gosta desta última bebida. Por último, identificamos a implicatura de sobreinformação,

que consiste em o falante dar informações além das solicitadas por julgar serem mais relevantes. Repetimos abaixo um contexto em que ocorre esse tipo de implicatura.

- (46) A: O João publicou um artigo sobre indefinidos?
B: Um livro (com vários artigos), ele publicou.

Ao responder “um livro, ele publicou”, o falante B considerou ser mais relevante informar a A que o João tenha publicado um livro e neste contém vários artigos, do que apenas responder que sim, ele publicou um artigo.

Considerações finais

Nesta análise prévia de contextos do PB em que sintagmas indefinidos são deslocados para a periferia esquerda da sentença, pudemos identificar que respostas em que o sintagma indefinido é deslocado em conjunto com uma entonação típica apresentam uma estratégia de resposta por parte do falante que resulta em uma implicatura conversacional. Esse sintagma pode ser “um”, “algum” ou nome nu, com algumas restrições para cada contexto.

Ao fazer uso dessa estratégia do discurso, são geradas implicaturas, ou de ignorância, quando o falante responde apenas sobre um indivíduo ou parte do indivíduo porque não tem informações sobre os demais, ou de sobreinformação, quando o falante julga ser mais relevante trazer mais informações do que as solicitadas, ou ainda de negação, quando o falante implica a negação do indivíduo apresentado no contexto, com a informação positiva de outro elemento.

Pudemos observar também que o sintagma indefinido deslocado pode assumir a função tanto de foco, informação nova no contexto, quanto de tópico, uma informação já existente no contexto.

Ainda nesta pesquisa, identificamos algumas restrições em relação aos usos de diferentes indefinidos “um”, “algum” ou nome nu. O sintagma “algum” é menos aceitável em contextos de deslocamento. Mas, mesmo assim, há contextos em que ele pode ser usado adequadamente. O nome nu é mais bem aplicado em contextos em que o falante deseja destacar um subconjunto ou subtipo do conjunto dado. Com relação às perguntas, há diferenças se estas forem feitas com descrição definida, nome nu, “um” ou “algum”. Parece que esses sintagmas na pergunta delimitarão o conjunto e, em consequência, o tipo de resposta adequada. No entanto, neste trabalho, não foi possível aprofundarmos nas particularidades de cada sintagma indefinido, e essas restrições e características de cada um podem ser objeto de investigação para outras pesquisas daqui para frente.

REFERÊNCIAS

BÜRING, D. Topic. In: BOSCH, P.; VAN DER SANDT, R. (Ed.). *Focus: linguistic, cognitive, and computation perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 142-165.

_____. On D-trees, beans, and B-accent. *Linguistics & Philosophy*, v. 26, n. 5, p. 511-545, 2003.

CHOMSKY, N. Deep Structure, Surface structure and semantic interpretation. In: STEINBERG, D.; JAKOBOVITS, L. (Ed.) *Semantics: an interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 183-216.

HAMBLIN, C. Questions in Montague English. *Foundations of Language*, n. 10, p. 41-53, 1973.

HEIM, I. *The semantics of definite and indefinite noun phrases*. Ph. D. thesis. University of Massachusetts at Amherst, 1982.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Ed.) *Syntax and Semantics*, v. 3. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

ROBERTS, C. Information Structure in Discourse: Towards an Integrated Formal Theory of Pragmatics. In: YOON, J. H.; KATHOL, A. (Ed.) *OSU Working Papers in Linguistics 49: papers in semantics*. The Ohio State University Department of Linguistics? 1996. p. 91-136.

ROOTH, M. Focus. In: LAPPIN, S. (Ed.) *Handbook of contemporary semantic theory*. London: Blackwell, 1995. p. 271-298.